

O Jeca Tatu de Rui Barbosa e a República indifferente

Autor(a): Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy

Publicado em: 17 de maio de 2026

Publicação: conjur_import

Link JurisTube: <https://juristube.com.br/colunistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/o-jeca-tatu-de-rui-barbosa-e-a-republica-indifferente>

Fonte original: <https://conjur.com.br/2026-mai-17/o-jeca-tatu-de-rui-barbosa-e-a-republica-indifferente-2>

Identificador citável: juristube.com.br/colunistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/o-jeca-tatu-de-rui-barbosa-e-a-republica-indifferente#ep-7a25dad

Resumo

Rui era um intelectual. Intelectuais reclamam que as pessoas são indiferentes à política. Hoje, pelo sim, pelo não, há mais engajamento

Texto integral

Em conferência proferida no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, em 20 de março de 1919, Rui Barbosa valeu-se da imagem do Jeca Tatu, proverbial personagem de Monteiro Lobato, para problematizar a vida política da República Velha [1] . Um discurso memorável. Entre as muitas imagens poderosas produzidas por Rui Barbosa, poucas são tão contundentes quanto sua leitura política do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato. É na figura do caboclo silencioso, pobre, desconfiado e resignado, que Rui enxergou mais do que um personagem literário. Percebeu um retrato do fracasso histórico da República. O Jeca, nas palavras de Rui, não era apenas um homem do interior. Era uma metáfora nacional. Há algo de profundamente perturbador nessa leitura. Rui descreveu um personagem que atravessou independência, abolição, República, revoltas militares e guerras civis sem participar verdadeiramente de nada. O Brasil mudava de regime, mudava de Constituição, mudava de bandeira, mas o Jeca permanecia exatamente onde estava: à margem da história. A vida nacional passava diante dele sem tocá-lo. O ponto talvez mais sofisticado da reflexão de Rui é a recusa em transformar o Jeca em caricatura moral. O caboclo não aparece como preguiçoso por natureza, incapaz por essência ou inferior biologicamente, como tantas vezes sustentava o pensamento social da época. Rui intuiu que a apatia do Jeca nascia do abandono. O problema não estava no homem; estava no país que o deixou entregue à miséria, à ignorância e à invisibilidade política. Por isso, a crítica de Rui ultrapassa Monteiro Lobato. O escritor havia criado um símbolo literário do atraso rural brasileiro. Rui transformou esse símbolo em diagnóstico constitucional e político. O Jeca passava a representar a falência da integração nacional. A República proclamada pelas elites urbanas jamais alcançou verdadeiramente o povo pobre do interior. Existe uma passagem particularmente devastadora em que Rui afirmou que o ato mais importante da vida política do Jeca é votar — sem saber em quem vota. Poucas frases resumem tão bem o drama da política da época do café-com-leite. O voto aparece como ritual vazio, manipulado pelo coronelismo, destituído de consciência cívica. O cidadão formalmente existe; a cidadania real, no entanto, é uma miragem. A crítica é extraordinariamente moderna. Rui compreendeu que democracia não se resumiria à mecânica eleitoral. Sem educação, informação, autonomia econômica e integração social, o voto

transforma-se em instrumento de dominação oligárquica. O eleitor comparece, todavia permanece afastado da vida política efetiva. A eleição é apenas um procedimento, uma formalidade. Rui sugeriu vínculo entre pobreza e imobilidade histórica. O Jeca vivia parado no tempo. Sua cabana miserável, alimentação precária e existência quase vegetativa simbolizam um país incapaz de incorporar milhões de pessoas ao processo civilizatório moderno. A miséria produz conformismo; o conformismo perpetua a miséria. Rui descreveu esse mundo com intensidade. Não se limitou à abstração política. Falou da pobreza concreta, das doenças, da degradação física e da precariedade material. O problema social não era conceito econômico distante; era uma realidade humana brutal. A formalidade jurídica convivia com um país socialmente abandonado. Talvez aí esteja a dimensão mais atual do texto. Rui percebeu que instituições políticas não sobrevivem indefinidamente quando se tornam incapazes de produzir pertencimento nacional. O Jeca não possuía sequer “a noção do país”, observava Rui. A frase é devastadora. O Estado brasileiro existia formalmente, mas não havia conseguido construir consciência nacional compartilhada. Esse problema adquire ainda maior gravidade porque Rui escreveu sob o impacto da questão social europeia do início do século 20. Revoluções, greves, movimentos operários e radicalizações políticas transformavam o mundo. Rui temia que o abandono das massas produza explosões sociais também no Brasil. A miséria deixava de ser apenas tragédia humanitária; tornava-se ameaça política concreta. Há nesse discurso um sentimento permanente de urgência. Rui falava como quem teme o colapso da ordem liberal diante da incapacidade das elites de compreender a dimensão do problema social. O abandono prolongado poderia empurrar populações inteiras para a radicalização e para a violência política. Mas há um aspecto particularmente elegante na reflexão: Rui não abandonava o liberalismo. Ao contrário, procurava salvá-lo. O argumento implícito é que a liberdade política somente sobrevive quando acompanhada de certo grau de integração social. A exclusão absoluta corrói as bases morais da própria democracia. Daí sua defesa insistente de educação popular, proteção social e incorporação política dos mais pobres. Não se tratava apenas de caridade ou paternalismo estatal. Tratava-se da própria preservação da República. Um país construído sobre multidões invisíveis permaneceria estruturalmente instável. Lido hoje, esse discurso provoca desconforto inevitável. O Brasil urbano e digital do século 21 continua convivendo com formas persistentes de exclusão social, precariedade econômica e participação política limitada. Mudaram os personagens, mudaram as tecnologias, mudaram as linguagens públicas. Mas a distância entre instituições formais e vida concreta ainda permanece dramaticamente reconhecível. Talvez por isso o Jeca Tatu de Rui Barbosa continue tão poderoso, e tão poderoso quanto o Jeca Tatu de Monteiro Lobato. Não representa apenas o homem pobre do interior brasileiro do início do século 20. Representa toda população transformada em presença estatística, eleitoral e econômica, porém afastada da cidadania substantiva. O Jeca é o brasileiro que vive dentro do Estado sem verdadeiramente pertencer à Nação. A advertência de Rui Barbosa continua atual. Nenhuma Constituição consegue sustentar sozinha uma democracia. Regimes políticos não sobrevivem apenas de eleições, fórmulas jurídicas ou retórica institucional. A estabilidade de uma República depende da capacidade de fazer com que seus cidadãos sintam que participam efetivamente da vida nacional. Quando isso não acontece, o país pode até conservar suas instituições formais. Mas continuará produzindo novos Jecas — silenciosos, invisíveis e distantes da própria história, agora cheios de tecnologia, por mais paradoxal que pareça. Rui era um intelectual. Os intelectuais reclamam que as pessoas são indiferentes à política. Hoje, pelo sim, pelo não, há muito mais engajamento. O problema é que o engajamento, quase sempre, não é convergente com a agenda do intelectual progressista. Então, tudo muda; o engajado é definido como um manipulado. Pois, como diz Roberto Mangabeira Unger, uma coisa é chamar os espíritos,

outra, é quando os espíritos chegam... _____ [1] O texto está inserido no volume único com Escritos e Discursos Seletos de Rui Barbosa, publicado pela Aguilar, em 1995. O discurso está nas páginas 420 e seguintes.

Como citar este documento

As citações abaixo seguem os padrões ABNT NBR 6023:2018, APA 7ª edição, Chicago Author-Date (17ª ed.) e BibTeX (LaTeX). Copie o formato exigido pelo periódico ou gerenciador bibliográfico (Zotero, Mendeley, EndNote).

ABNT (NBR 6023:2018)

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. O Jeca Tatu de Rui Barbosa e a República indiferente. *conjur_import*, 17 maio 2026. Disponível em: <https://conjur.com.br/2026-mai-17/o-jeca-tatu-de-rui-barbosa-e-a-republica-indifente-2>. Acesso via: JurisTube — Acervo Digital de Direito. Disponível em: <https://juristube.com.br/colunistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/o-jeca-tatu-de-rui-barbosa-e-a-republica-indiferente>. Acesso em: 30 set. 2026.

APA 7ª edição

Godoy, A. S. D. M. (2026, May 17). O Jeca Tatu de Rui Barbosa e a República indiferente. **conjur_import**. <https://conjur.com.br/2026-mai-17/o-jeca-tatu-de-rui-barbosa-e-a-republica-indifente-2>

Chicago Author-Date (17ª ed.)

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. 2026. "O Jeca Tatu de Rui Barbosa e a República indiferente." **conjur_import**, May 17. <https://conjur.com.br/2026-mai-17/o-jeca-tatu-de-rui-barbosa-e-a-republica-indifente-2>

BibTeX

```
@article{arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy-o-jeca-tatu-de-rui-barbosa-e-a-rep-blica-2026,
author = {Godoy, Arnaldo Sampaio de Moraes},
title = {O Jeca Tatu de Rui Barbosa e a República indiferente},
journal = {conjur_import},
year = {2026},
url =
{https://conjur.com.br/2026-mai-17/o-jeca-tatu-de-rui-barbosa-e-a-republica-indifente-2},
urldate = {2026-05-17}
}
```



Licença de Uso — CC BY-NC-SA 4.0

Este conteúdo está licenciado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). O uso para fins acadêmicos e educacionais é permitido, desde que citada a fonte original (JurisTube) conforme as normas técnicas indicadas neste documento.

Termos completos:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt-br>

JurisTube — Acervo Digital de Direito

<https://juristube.com.br/colunistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/o-jeca-tatu-de-rui-barbosa-e-a-republica-indiferente>

PDF gerado em 2026-09-30 19:58 UTC